

Alguém gravou no carneiro  
Do velho Joaquim Lobão:  
— Ensinava abstinência,  
Morreu numa indigestão.

Da lousa do mestre Armando,  
Há muito tempo esquecido:  
— Este viveu ensinando  
Sem nunca ter aprendido.

Lalau liquidou Quinquim  
Com veneno no mingau,  
Mas hoje Quinquim é o neto  
Que vai herdar de Lalau.

Quem mata o tempo na vida,  
Por muito que se conforte,  
Acaba enterrado em vida  
Muito tempo antes da morte.

## A MORTE DE NHÁ MINA

Nhá Mina morre aos poucos, num palheiro!...  
Lembra a orquestra do Mestre Carmelinho...  
Quando moça, rasgava o cavaquinho  
Nas noites de alegria no terreiro.

Sòzinha lembra... A flauta de Antoninho,  
A sanfona de Juca Funileiro,  
Depois... o mundaréu triste e inzoneiro,  
Os maus-tratos e as mágoas do caminho...

Larga o corpo... Ouve acordes na janela,  
A orquestra antiga toca junto dela,  
Juca, Antoninho, Rita, Zico Prata...

A lua brilha... A noite é uma beleza!...  
Nhá Mina sai... Parece uma princesa  
Que vai casar no céu com serenata.

12

Na cova de jasmineiro  
Do avarento Calatrava:  
— Morreu como carcereiro  
Da fortuna que guardava.

13

Li no túmulo de Ormino:  
— Foi cristão dos mais fiéis,  
Ganhou duzentos mil contos,  
Deu mil e quinhentos réis.

14

Qualquer defeito é mal grande,  
Nenhum deles é pequeno.  
Escorpião miudinho  
Tem a morte no veneno.

15

Maricotinha enfeitou  
Dez filhos de porta em porta;  
Hoje, ela quer reencarnar,  
Quando nasce, nasce morta.

16

### NA MESMA MOEDA

O coronel Tutuca Sapecado,  
A cada petitório de mendigo,  
Falava: — “Deus é grande, meu amigo!”  
Mas não dava um vintém de mel coado.

Se um doente gemendo afadigado  
Vinha pedir perdão de juro antigo,  
Louvava: — “Deus é grande! Deus consigo!”  
E recebia o cobre assossegado.

Quando morreu ficou na caixa-forte  
E gritava mudado pela morte:  
— “Quero o auxílio do Céu! Que Deus me mande!”

Mas trancado no escuro, em agonia,  
Só escutava alguém que lhe dizia:  
— “Fique firme, Tutuca, Deus é grande!”